

PREVENÇÃO EM PERINATALIDADE: ESTUDO COMPARATIVO INTERCULTURAL DE EXPECTATIVA DE MULHERES EM PERÍODO PERINATAL, SOB O OLHAR DA ABORDAGEM PREVENTIVA (APOIO UNIP)

Aluna: Karina Barbosa Dorneles de Arruda Camara

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Rosário Dias Varella

Curso: Psicologia

Campus: Brasília

A ligação entre o aparecimento de um grande número de perturbações e de patologias da criança e as modalidades do acolhimento e dedicação precoce pelos seus pais (ou adultos que os substituem) está há muitos anos bem delineada (DOLTO, 1984, 1985; LBOVICI, 1983,1985; MARCELLI, 1999; HOUZEL, 2003). Sabemos que, desde o nascimento e ao longo de toda a infância e adolescência, os sofrimentos causados pelos fracassos de encontros entre as crianças e seus pais são expressos em função de perturbações de diferentes funções subjetivas e/ou familiares, e de desordens do desenvolvimento ou de comportamentos. A anorexia do bebê (KREISLER, FAIN, SOULÉ, 1974), a obesidade do adolescente (BRUCH, 1969; KESTENBERG, KESTENBERG, DECOBERT, 1972), as patologias psicossomáticas que se instalam e por vezes se cronificam (GAUTHIER e Col. 1976; KREISLER, 1981; DOLTO, 1984), os estados ansiosos ou depressivos mal identificados (TOOLAN, 1962; DUGAS, MOUREN, 1980) são manifestações comportamentais que tanto inquietam nossa sociedade (NEYRAN, 2006). A questão da evolução da criança e de sua saúde é considerada pelos médicos, quaisquer que sejam as referências epistemológicas, como intimamente ligada a todas aquelas primeiras relações com seu ambiente próximo. Com a preocupação de intervir o mais cedo possível, antes que se instalem desordens e, posteriormente, as patologias que as seguem, os profissionais dos setores sanitários e sociais (CAREL, 1977; CRAMER, PALÁCIO-ESPASA, 1993) vêm colocando em pauta, desde o

período perinatal, diversas ações de prevenção, levando em conta o papel das relações precoces de recém-nascido com o seu meio.